Bibliobrinquedoteca

H. Francisconi

Não me arrependo de ter transformado o meu escritório numa brinquedoteca. De modo que este relato não passa de um simples registro para o rol de recordações da família e, conseqüentemente, jamais exemplo de uma querela qualquer.

Antes da chegada do meu neto Bernardo, com todas as tralhas para a sua diversão a que tem direito, quem preenchia o espaço do meu canto reservado a ler e escrevinhar eram apenas os gênios motivadores da literatura universal. Agora, não. A estante encravada na parede mistura em suas prateleiras, harmoniosamente, todos os livros meus e todos os brinquedos dele. E ainda há muito mais no chão. Não livros, mas brinquedos. E com rodinhas e sem rodinhas, com botões e sem botões, que acendem, piscam, giram, tocam suas musiquinhas, vibram, não vibram...

Já espremido em um canto da quinta prateleira, *Lewis Carroll* reclamou que o seu *Alice no País das Maravilhas* perdia de longe para a Mesinha Encantada que Bernardo ganhou no seu primeiro aniversário. Eu não liguei muito para esse comentário, embora tivesse ficado um pouco chateado com a reclamação. Mas *Freud*, lá da quarta prateleira, tomou as dores e falou para eu não me incomodar muito não, que isso era um problema sexual mal resolvido de *Lewis*. Mas aí *Jung* entrou na conversa, afastando uma girafinha cantante na terceira prateleira, e disse que Freud estava sonhando muito alto (talvez por estar numa prateleira acima), e que sonho era com ele mesmo, que podia ajudá-lo, mas aí resolvi deixar os dois naquela briga infrutífera e cuidar do meu joelho esquerdo depois de escorregar no patinho *quém-quém* que estava no meio do caminho. Foi o bastante para que Drummond, de posse de um telefoninho com muito mais teclas do que um celular de ponta, me ligasse da última prateleira pra dizer que era plágio... “Plágio?” “É. Esse ‘tinha um patinho *quém-quém*’ no meio do caminho é plágio de ‘tinha uma pedra no meio do caminho’”. Mas aí ele sossegou quando eu lhe disse ‘jamais me esquecerei desse dia de minhas retinas tão fatigadas’.

Foi quando um fenômeno verdadeiramente bizarro aconteceu. Júlio Verne saltou da estante e disse que iria dar uma volta ao escritório em oitenta segundos, que aquilo estava se tornando uma grande inspiração para ele. Pronto. Foi o estopim que estava faltando. Logo atrás dele vieram Allan Poe, Victor Hugo e Dostoiévski. Mas quem ficou feliz mesmo foi Stephen King que, num salto com um grito de euforia, dizia ter achado mais um argumento para seus contos de terror.

Marx, num canto mergulhado em ostracismo na estante, ainda tentou argumentar que toda aquela confusão “produzida em série” era por culpa da revolução industrial, mas fora interrompido pela marcante e irrefreável concorrência de suas vizinhas lombadas espiritualistas e esotéricas.

Bem, autores à parte, o personagem principal é Bernardo, que chega a tempo de juntar tudo, livros e brinquedos, e colocá-los todos em um único mundo - que o melhor deles mesmo é o da imaginação...